

O selvagem da ópera

Rubem Fonseca

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



A PARTITURA RASGADA

Vultos aparecem na tela escura, pouco nítidos, mas logo percebe-se que uma mulher luta para se livrar de um agressor maior e mais forte. Ela não pede ajuda, apenas dá um gemido rouco quando recebe a primeira punhalada no seio. As trevas da noite escondem o rosto da mulher e o do assassino. Outra punhalada. Mais outra. E outra. As pernas da mulher cedem e ela se ajoelha.

Carlos acorda. Levanta-se, trêmulo. Não é a primeira vez que tem esse pesadelo, que sempre o enche de horror.

Abre a janela. O céu cor de chumbo indica que o dia está prestes a raiar. Seu irmão Juca já se levantou. Carlos se veste rapidamente. Hoje os dois irmãos vão viajar para São Paulo numa turnê artística.

Os Gomes

O patriarca da família Gomes, Manuel Gomes da Graça, o Maneco Músico, escrivão, alfaiate, casou-se várias vezes e teve inúmeros filhos, mas apenas Carlos e José Pedro são da mesma mãe.

José Pedro de Sant'Anna Gomes, usando um guarda-pó de viagem, cinza, comprido, coloca duas malas na carruagem parada diante de uma casa modesta, pintada de branco, com um pequeno jardim à frente.

Antônio Carlos Gomes sai da casa, acompanhado do pai.

Logo atrás vem a madrastra dos viajantes, d. Francisca Leite, com uma criança ao colo.

Uma bandinha de música presta homenagem aos dois jovens viajantes. Há alguns anos a Banda Marcial da cidade dirigida por Maneco foi dissolvida, mas às vezes se junta, para ocasiões especiais, como esta.

São vários os músicos, mas só me deterei um pouco a observar o tocador de clarinete, porque é o que melhor sabe tocar e por ser o único negro do grupo; está descalço, porém hoje, em vez de trajar camisa, calça e colete de tecido ordinário, como o fazem normalmente os escravos, usa uma velha sobrecasaca curta, escura, sem gravata, um botão de latão dourado fechando formalmente o colarinho duro e prendendo-o à camisa. Nunca participa da banda quando ela toca nas igrejas e outras cerimônias solenes.

Vamos olhar com atenção Antônio Carlos Gomes, o personagem principal do nosso filme. Sua estatura é um pouco acima da média, seu porte é naturalmente elegante pois tem o corpo muito bem-proporcionado. Também usa um guarda-pó, como o irmão; sob a peça de algodão que os protegerá da poeira da estrada, vestem uma casaca de abas curtas, colarinho alto, gravata preta, colete, calças cinza, roupas simples mas muito bem-talhadas; pois os Gomes, além de bons músicos, eram bons alfaiates.

Hoje, aos vinte e três anos, Carlos mostra-nos o seguinte rosto: bigode espesso, cujos extremos grossos e retos terminam um pouco abaixo da comissura dos lábios (haverá ocasiões, mais tarde, em que esse bigode terá suas pontas viradas e enceradas, e no fim, já branco, escorregará descuidado pelos cantos da boca); uma pera, que começa imediatamente abaixo do lábio inferior e cobre-lhe o queixo; os zigomas são salientes, e os dentes, perfeitos, muito brancos, contrastam com sua tez morena. Cabelos abundantes enchem os lados da cabeça; Carlos os deixará crescer e vaidosamente os alisará com um «ferro de descomunal grossura», dando à sua cabeça

um aspecto leonino. Mas talvez o que chame mais a atenção neste corpo singular sejam os olhos. Há neles inteligência, impaciência, desconfiança, ansiedade. Dizem que Carlos herdou as feições da mãe, bela cariboca (ou cafuza, há dúvidas), principalmente o nariz fino; do pai, mulato, recebeu o mau gênio e o talento para a música.

Maneco faz um gesto autoritário e a banda para de tocar.

«Meus amigos, estamos aqui para desejar aos meus filhos Carlos e Juca sucesso na turnê a São Paulo. Fiquem certos, meus filhos, que eu e a madrasta de vocês, que na verdade é como se mãe verdadeira fosse, e também todos os irmãos e os amigos aqui presentes...»

Enquanto Maneco fala, podemos olhar um pouco a mulher atrás dele, a madrasta de Carlos e de Juca, de rosto precocemente envelhecido, mais interessada em fazer calar a criança que chora em seu colo do que no discurso do marido.

Nossa atenção é desviada para a chegada da tímida e bonita Ambrosina Corrêa do Lago, namorada de Carlos, discretamente trajada com um vestido malva sem babados, fechado até o pescoço, como é de bom-tom para as moçoilas. Os dois namorados gostam de cantar juntos modinhas de sucesso da época, o que fazem muitas vezes na casa dela.

Estamos em 1859.

Isto é um filme

Este é um texto sobre a vida do músico Carlos Gomes, que servirá de base para um filme de longa-metragem. Quantas pessoas em nosso país sabem realmente quem é Carlos Gomes? Alguns conhecem *O guarani*. E não é por falta de material biográfico que essa ignorância é tão generalizada. Ao fazer minha pesquisa verifiquei que são muitos os livros escritos sobre o maestro, ainda que a maioria seja panegírico e repita os erros factuais cometidos por Luís Guimarães

Júnior, primeiro biógrafo do maestro. Existem ainda centenas de cartas e documentos sobre Carlos, que para serem examinados deram-me mais trabalho do que os livros. As entrevistas que fiz foram fáceis e agradáveis. Gaspare Nello Vetro, que com suas pesquisas e estudos tornou-se uma das maiores autoridades sobre o músico brasileiro, deslocou-se de Parma para conversar comigo em Lecco e, especificamente, em Maggianico, na antiga Vila Gomes, hoje Scuola Civica di Musica, cujas portas nos foram abertas por Giovanna Exposito, diretora cultural da Comuna de Lecco. Em Lecco, Nello Vetro me disse «*la Milano di Gomes non esiste più*». Existe sim, com exceção da casa onde ele morou, na via San Pietro all’Orto, que foi demolida, lá estão os lugares que Carlos conheceu, os teatros Scala e Santa Radegonda, as igrejas e conventos medievais, castelos, canais, ruas e praças inteiras sem uma casa demolida, monumentos, parques, palácios antigos, como o da Maffei, a Galeria Vittorio Emanuele. O que não existe mais é o Rio de Janeiro de Carlos Gomes; dele sobrou pouca coisa. E Nello Vetro precisava ver a Campinas de Carlos, essa acabou mesmo. (Mas em Campinas ainda estão, e eu pude vê-los, os ganchos de ferro da rede imunda onde Carlos morreu.) Adelina Aletti me acompanhou nas visitas às bibliotecas, igrejas, monumentos e museus da Lombardia e refez comigo, incansavelmente, os trajetos de Carlos Gomes por ruas, estradas e lagos de Milão, Lecco, Como e adjacências, descritos neste livro. Maria Euterpe Nogueira – com sua luta, na Itália, pela preservação da memória de Carlos Gomes – e Benedito Barbosa Pupo, fazendo o mesmo em Campinas, foram estimulantes e inspiradores. Giuseppe Tintori revelou-me as riquezas da biblioteca do Museu do Scala, em Milão, da qual é diretor. Bráulio Mendes Nogueira, do Museu Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, foi um guia paciente, tendo cedido cópias de documentos com dados pouco conhecidos da vida do maestro. Pedro Corrêa do Lago facultou-me o acesso ao seu acervo

de cartas inéditas de Carlos Gomes e do visconde de Taunay. Com o dr. Nelson Spector elucidei alguns mistérios da oncologia. Mas quem esclareceu as minhas principais dúvidas foi o próprio Carlos Gomes, com sua variada e abundante produção epistolar, que serviu ainda para dar autenticidade às falas a ele atribuídas no filme, principalmente as reveladoras dos dramas ocultos de sua vida.

Todos os personagens existiram, com exceção de apenas quatro no meio de dezenas e dezenas de nomes citados entre os contemporâneos de Carlos. Todos os fatos são verdadeiros. Algumas lacunas foram preenchidas com a imaginação.

Isto é um filme, ou melhor, o texto de um filme que tem como pano de fundo a ópera, como principal personagem um músico que depois de amado e glorificado foi esquecido e abandonado, um filme que pergunta se uma pessoa pode vir a ser aquilo que ela não é, um filme que fala da coragem de fazer e o medo de errar.

A viagem para São Paulo

Os irmãos Gomes partem. A carruagem atravessa uma estrada de lama seca no meio do mato; passa por fazendas; vemos um rio; agora a diligência chega à vila de Jundiá e à Estalagem da Ponte. Não precisamos observá-los a comer, ou a fazer o que normalmente fazem os viajantes de carruagens num local de repouso. Logo retornamos à estrada, atravessamos o chapadão de Nossa Senhora da Lapa, passamos pelo rio Tietê, ladeamos a chácara do Arouche, seguimos pela rua de São João, e depois pela descida do Acu. Aquela é a igreja do Rosário: entramos na cidade de São Paulo. A carruagem diminui sua marcha. Carlos e Juca veem da janela as pessoas bem-vestidas, muitos estudantes em grupos.

Afinal chegam à pensão ou república de estudantes, do baiano Cazuzu, na parte baixa da rua São José, ao lado da loja

maçônica América. Carlos e Juca descem, retiram as malas e entram na república.

A primeira coisa que chama a nossa atenção (e a dos irmãos Gomes) na sala é um piano de armário Bechstein & Bluthner. Em seguida notamos a presença do estudante Francisco Azarias. Os irmãos Gomes o conheciam de Campinas. O jovem Azarias os recebe com amabilidade, diz ser aquela a única república onde há um piano. Apresenta-os aos outros estudantes, não esquecendo de mencionar o apelido de Carlos, «nhô Tônico».

Os estudantes são vistos a cantar e a tocar violão – nesta época a música já é a arte preferida dos brasileiros –, a beber, a jogar voltarete, a recitar versos, a narrar aventuras amorosas, a falar mal dos professores e da escola.

Hotel da Itália. Carlos, ao piano, e Juca, no violino, dão um concerto que será repetido no teatro do pátio do Colégio. Tocam músicas clássicas ligeiras, valsas de Strauss.

O Bechstein & Bluthner faz com que a república da rua São José tenha uma importância especial para Carlos e para o outro residente, o poeta sergipano Francisco Leite Bittencourt Sampaio, violeiro e cantor de lundus baianos – e que mais tarde irá publicar seu livro de poemas de efêmera fama, *Flores silvestres*. Os dois jovens compõem o hino *A mocidade acadêmica*: «Sois da pátria esperança fagueira, são imensos os rios que temos» etc. Bittencourt tem vinte e cinco anos. Carlos é dois anos mais moço do que ele, como disse. A voz de Carlos, de *castrato* seiscentista, encanta os colegas da pensão e os frequentadores dos saraus literomusicais.

Estão presentes, num desses saraus, numa casa rica de São Paulo, alguns jovens que farão parte da história política do país: Manuel Ferraz de Campos Sales, dezoito anos de idade, campineiro como Carlos; Prudente José de Moraes e Barros, também de dezoito anos, ainda tem espinhas de adolescente no rosto; ambos chegarão à presidência da nação brasileira, depois de proclamada a República, e Salvador de

Mendonça, fluminense, que também atravessa as vicissitudes dos dezoito anos. A vida de Salvador se misturará com a de Carlos durante os anos em que os dois estiverem morando no Rio, um na rua Fresca, outro na Matacavalos.

O país dos bacharéis

O que faz a jovem elite do país, os herdeiros do dinheiro e do poder político, estar na cidade de São Paulo neste momento? A resposta é simples: a Faculdade de Direito, que neste ano completa trinta e um anos de funcionamento.

Amanhece. Carlos, Salvador, Azarias caminham por uma rua deserta. Passaram a noite se divertindo; certamente foram *suciar* em algum outro local menos respeitável, depois do sarau. Salvador acredita que Carlos, com o talento que tem, não pode perder-se numa cidadezinha do interior, não deve nem mesmo ficar em São Paulo, que só vale pelo que a Faculdade de Direito pode propiciar ao porvir de futuros bacharéis, coisa que Carlos não pretende ser. Deve partir já para a Corte, para o Rio de Janeiro. Azarias assegura que seu pai, no Rio, poderá hospedá-lo em sua casa.

Ao chegar à república da rua São José, o dia raiando, Carlos, tendo sobre o piano um camafeu com o retrato de Ambrosina, compõe a modinha «Quem sabe?», que irá, cerimoniosamente, dedicar ao pai da moça. Canta com sua voz (ainda) de soprano:

«Tão longe de mim distante onde irá, onde irá teu pensamento... Quisera saber agora se esqueceste, se esqueceste o juramento...»

Entra Juca. Os irmãos Gomes conversam sobre a ida de Carlos para o Rio e as possíveis reações do pai. Maneco é uma figura dominadora, e Carlos, não obstante seus vinte e três anos, não tem coragem de desobedecer-lhe as ordens. A conversa é interrompida por estudantes que vêm homenagear

Carlos com discursos, «Viva o condor de Campinas!», com versos e cantorias. Ouve-se o *Hino acadêmico*: «O Brasil quer a luz da verdade e uma c'roa de louro também.»

Os dois irmãos voltam de carruagem para Campinas. Carlos discute com Juca. Começamos a notar as variações cíclicas do seu temperamento. Antes conversava amavelmente com o irmão, agora está irritado. Antes falastrão, agora taciturno, ausente e ensimesmado, fita a paisagem, que também vemos, do ponto de vista dele, pela janela da carruagem, por breves instantes.

Campinas. Manuel está esperando na porta da casa e ajuda Carlos a saltar da carruagem. Pede notícias de São Paulo. Carlos não tem coragem de dizer que pretende viajar para o Rio de Janeiro. Tem medo da reação do pai.

Carlos caminha, cabisbaixo, em direção à casa de Ambrosina. No portão da casa, bate palmas.

Numa sala mobiliada com esmero provinciano, Ambrosina, junto com as irmãs, uma delas ao piano, canta uma modinha. A moça para de cantar e corre para a porta ao ouvir o chamado de Carlos. Os jovens se dão as mãos recatadamente.

Ambrosina o convida para entrar, mas Carlos não aceita. Diz que vai voltar para São Paulo. De lá irá para Santos, onde embarca para o Rio de Janeiro, a fim de se matricular no Conservatório de Música. «Não posso passar minha vida costurando sobrecasacas e calças de casimira. Amigos vão me ajudar.»

«Teu pai vai ficar furioso.»

«Não tenho medo do meu pai.»

«Então por que estás fugindo?»

Ele pergunta se ela quer se casar com um alfaiate medíocre que dá aulas de música para crianças. Ambrosina responde que sim, não importa o que Carlos faça, ela quer se casar com ele.

O coração de Carlos está no Rio de Janeiro, no Teatro Lírico, onde todos os anos é encenada pelo menos uma nova

ópera de Verdi. Na época em que botou as mãos no *spartito* do *Trovador*, já lá se vão oito anos, uma grande companhia italiana de ópera representava o *Ernani* na capital. No Lírico, eram representadas no mesmo ano duas e até mesmo três óperas de Verdi, como em certa ocasião *I due foscari* e *I masnadieri*, ou então *Nabucco*, *Luisa Miller* e *Attila*. Carlos morre de inveja dos que moram na capital e podem assistir a óperas de Verdi todos os anos.

Agora os dois estão abraçados. Ambrosina chora, a cabeça apoiada no peito dele.

Carlos fala carinhosamente, procurando convencer a namorada. Quer que ela se orgulhe dele, para isso precisa mostrar sua capacidade como artista. Um dia o imperador aplaudirá sua música. Sabe que pode parecer loucura, mas ele quer ser como Verdi. «Por que achas que dormi tantas noites abraçado com a partitura do *Trovador*?» Quando estava em São Paulo todos lhe disseram que ele tinha de ir para o Rio de Janeiro; na Corte está o seu futuro. Conhece pessoas que o recomendarão ao imperador. Ele só voltará quando tiver mostrado o seu gênio ao mundo.

Ambrosina enxuga as lágrimas. «A decisão de fugir te faz delirar.»

A fuga

Na madrugada deste dia de junho, Carlos vai numa caruagem para a cidade de São Paulo, onde aluga um cavalo, em cuja sela amarra sua bagagem. Monta e parte. Nós o vemos descendo a serra em direção a Santos.

Porto de Santos, pela manhã. Carlos sobe a escada do navio *Piratiniga*, que zarpa para o Rio de Janeiro.

Agora é dia alto, um outro dia. Convés do navio. Carlos debruça-se no guarda-mancebo a contemplar o oceano. Ouvimos sua voz: «Cheio de esperanças de que justiça me será feita mais

tarde, dei o passo que dei. Uma ideia fixa me acompanha, como meu destino. Tenho eu culpa, porventura, de tal coisa, se foi vossemecê que me deu o gosto pela arte a que me dediquei e se seus esforços e sacrifícios fizeram-me ganhar ambição de glórias futuras?»

A proa do navio fende a água do mar. Horizonte distante.

«Minha intenção é falar ao imperador para obter dele proteção a fim de entrar no Conservatório do Rio de Janeiro. Não perderei tempo; tudo isto que estou dizendo lhe desgostará pelo motivo de eu ter saído daí sem a sua licença, mas tenho confiança na minha vontade e no pouco de inteligência que Deus me deu. Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião, mas afirmo a vossemecê que as minhas intenções são puras e que espero desassossegado a sua bênção e o seu perdão.»

Rio de Janeiro

Porto do Rio de Janeiro. Carlos desembarca. Se não tivesse pressa em chegar ao seu destino e não carregasse uma pesada mala, passaria o dia andando pelas ruas da cidade.

Procura o número 143 da rua Direita (daqui a onze anos esta rua passará a se chamar Primeiro de Março, celebrando o dia da vitória na Guerra do Paraguai), um sobrado onde reside Azarias Botelho, o pai do jovem estudante que conheceu em São Paulo. Na rua passa um cupê puxado por dois cavalos e, apesar de a carruagem ser fechada, Carlos consegue divisar dentro dela uma mulher de chapéu que lhe parece muito bonita.

Um soldado do Império cola um cartaz na parede: FEBRE AMARELA – CUIDADO.

Sala de estar da casa de Azarias, o Velho, um homem de meia-idade, elegante, de modos refinados. Recebe Carlos afovelmente.

«Você poderá compor suas músicas aqui neste Erard.»